

DOCUMENTOS
CNPMPF N° 93

ISSN 1516-5728
Agosto, 2000

PESQUISA - AÇÃO:
FUNDAMENTOS DO PLANEJAMENTO
E DO DIAGNÓSTICO EM
COMUNIDADES RURAIS

Embrapa

Mandioca e Fruticultura

EMBRAPA, 1998

Embrapa Mandioca e Fruticultura. Documentos, 84

Exemplares desta publicação podem ser solicitados a:

Embrapa Mandioca e Fruticultura

Rua Embrapa, s/nº - Caixa Postal 007

Telefone: (075) 721-2120

Fax: (075) 721-1118

CEP: 44380-000 - CRUZ DAS ALMAS - BAHIA - BRASIL.

Tiragem: 500 exemplares

Comitê de Publicações:

Marcio Carvalho Marques Porto - *Presidente*

Ivani Costa Barbosa - *Secretária*

Ana Lúcia Borges

Antonio Alberto Rocha Oliveira

Romulo da Silva Carvalho

Aristoteles Pires de Matos

Domingo Haroldo R. C. Reinhardt

Joselito da Silva Motta

Mario Augusto Pinto da Cunha

OLIVEIRA, J.R.P. de.; SAORES FILHO, W. dos S.; CUNHA, R.B.
da. **Guia de descritores de acerola: versão preliminar**. Cruz das
Almas, BA: EMBRAPA-CNPMF, 1998. 22p. (EMBRAPA-CNPMF.
Documentos, 84).

DOCUMENTOS
CNPMPF Nº 93

ISSN 1516-5728
Agosto, 2000

***P*ESQUISA-*A*ÇÃO:
FUNDAMENTOS DO PLANEJAMENTO
E DO DIAGNÓSTICO EM
COMUNIDADES RURAIS**

*José Humberto Almeida de Cerqueira
Nicolau Miguel Schaun*

Cruz das Almas - Bahia

SUMÁRIO

	Página
Resumo	5
Abstract	5
Agradecimentos	6
1. Aspectos básicos da Pesquisa-ação	7
2. Planejamento do Projeto de Pesquisa	14
2.1 Seleção de região, municípios e comunidades	16
2.1.1 Situações indesejáveis na seleção de comunidades	17
3. A operacionalização do Diagnóstico em Pesquisa-Ação	18
3.1 Passos do diagnóstico em pesquisa-ação	19
3.2 Um diagnóstico participativo deve ser processual	21
Conclusão	22
Referências bibliográficas	23
Anexos	25

PESQUISA-AÇÃO: FUNDAMENTOS DO PLANEJAMENTO E DO DIAGNÓSTICO EM COMUNIDADES RURAIS

José Humberto Almeida de Cerqueira

Nicolau Miguel Schaun

RESUMO - O presente trabalho nasceu da necessidade de divulgar um aspecto operacional da metodologia da pesquisa-ação chamada de diagnóstico. O estudo tem sido realizado por uma equipe de pesquisadores, extensionistas e agricultores nos Estados da Bahia, Pernambuco e Paraíba através da *Embrapa Mandioca e Fruticultura*, EMATER-PB, EBDA, EMATER-PE. No Brasil, as comunidades, municípios e regiões apresentam-se de forma diferenciada, com menor ou maior complexidade. Logo, para se intervir em determinada área para promover um processo de mudanças é necessário compreender primeiro sua realidade. Neste contexto, este documento aborda alguns conceitos importantes tais como aspectos do planejamento, seleção de comunidades e as ferramentas mais requeridas no diagnóstico participativo em pesquisa-ação, constituindo-se em referencial para a realização deste tipo de trabalho em comunidades rurais.

Termos para indexação: participação, transferência de tecnologia, pequeno produtor.

ACTION-RESEARCH: BASES FOR PLANNING AND FOR DIAGNOSTIC IN RURAL COMMUNITIES

ABSTRACT - The present paper aims at spreading an operational aspect of the action research methodology called diagnostic. This study has been carried out by a team of researchers, extensionists and growers from the states of Bahia, Pernambuco and Paraíba in a cooperative work done by *Embrapa Cassava and Tropical Fruit Crops*, EMATER-PB, EBDA and EMATER-PE. In Brazil, communities, municipalities and regions have distinct characteristics with variable degrees of complexity. Therefore, in order to promote any change in a given area it is of paramount importance first to understand its own reality. In this context, this document addresses important concepts, such as aspects of planning, selection of communities, and the most required tools in the participatory diagnostic process, being a reference for the execution of this kind of work in rural communities.

Index terms: participation, technology transfer, small grower.

AGRADECIMENTOS

Aos agricultores das comunidades de Mumbuca, município de Alagoinha, comunidade de Engenho Mares, município de Alagoa Grande e comunidade de Riacho dos Currais, município de Salgado de São Félix no Estado da Paraíba; comunidade de Galheiros, município de Santana, comunidade de Barreiro Vermelho, município de Correntina, comunidade de Cafundó dos Gerais, município de Santa Maria da Vitória no Estado da Bahia; comunidade de Maniçoba, município S. Caetano, e a comunidade Papa Terra, município de Garanhuns, no Estado de Pernambuco, que nos encorajaram a publicar o primeiro trabalho de uma série.

Aos Extensionistas Rurais dos municípios citados que vêm desempenhando suas atividades com grande dedicação.

Aos Gerentes, Supervisores, Assessores Regionais que dão apoio no processo de articulação, na execução, manutenção e continuidade dos trabalhos.

Às Diretorias das EMATERs da Paraíba, Pernambuco e da EBDA na Bahia, que se sensibilizaram e acreditaram na metodologia da pesquisa-ação como uma ferramenta de mudança no meio rural.

Aos colegas da ASE (Área de Sócio-economia e Estatística) da *Embrapa Mandioca e Fruticultura*, pelo incentivo.

Os autores

PESQUISA-AÇÃO: FUNDAMENTOS DO PLANEJAMENTO E DO DIAGNÓSTICO EM COMUNIDADES RURAIS

José Humberto Almeida de Cerqueira¹

Nicolau Miguel Schaun²

INTRODUÇÃO

O estudo da pesquisa-ação parece ser novidade, no entanto, já vem sendo realizado, há alguns anos, no Brasil e em diferentes partes do mundo. No âmbito da agricultura familiar, foi iniciado na *Embrapa Mandioca e Fruticultura*, localizada no município de Cruz das Almas, Estado da Bahia, no ano de 1993. A pesquisa vem sendo conduzida com a participação de uma equipe composta de pesquisadores, extensionistas das diversas áreas afins e agricultores.

A realização deste estudo, em algumas regiões do Nordeste, deu-se pela diversidade e complexidade que a agricultura familiar apresenta, ora dentro de um processo de semi-integração ao processo industrial, ora participando com sua organização da produção e trabalho ainda atrasada. Para Abromovay (1991:23) é importante que se busque a raiz da diferença fundamentalmente no ambiente social, econômico e cultural que caracteriza cada uma dessas formas como ela se apresenta. A racionalidade da agricultura familiar depende da sua capacidade de se adaptar e montar um comportamento adequado ao meio social e econômico em que se estabelece e desenvolve.

Algumas questões básicas têm sido observadas no estudo da metodologia da pesquisa-ação sobre o **por que, para quem, como e quando** se deseja realizar uma intervenção numa comunidade ou região. Para responder a essas questões é necessária uma abordagem mais criteriosa sobre os objetivos a que se propõe a pesquisa. Em pesquisa-ação, quando uma instituição governamental ou mesmo não-governamental intervém com uma programação de investigação e

¹ Engº Agrº, M.Sc. em Sociologia Rural - pesquisador no Convênio de Cooperação Técnica - EBDA/Embrapa Mandioca e Fruticultura, Professor da Universidade Estadual de Feira de Santana.

² Engº Agrº, M.Sc. em Sociologia Rural - Consultor. Sete Lagoas, MG.

desenvolvimento numa região, sua principal estratégia é gerar propostas de ação numa perspectiva de mudança social. Se a organização for de caráter produtivo, ela tenderá a mudar aspectos da organização do trabalho e da produção. Nesses casos, Thiollent (1986:15) faz a observação de que

“num contexto organizacional, a ação considerada visa, freqüentemente, resolver problemas de ordem aparentemente técnica, por exemplo, introduzir uma nova tecnologia ou desbloquear a circulação da informação dentro da organização”.

Assim, deve-se considerar que os agricultores familiares possuem um potencial transformador e um espírito de solidariedade muito grande para sustentar mudanças; para isso basta que lhes seja permitido participar criticamente, como sujeitos, de todo o processo. As estratégias organizacionais de âmbito coletivo dos agricultores familiares têm permitido sua compreensão e intervenção tanto interna quanto externamente no ambiente onde eles vivem.

Normalmente têm acontecido mudanças sociais quando instituições governamentais ou não governamentais refletem conjuntamente com esses agricultores sobre a sua própria realidade, de forma crítica, a exemplo da comunidade de Engenho Mares, em Alagoa Grande, comunidade de Mumbuca em Alagoinha, comunidade de Riacho dos Currais no município de Salgado de São Félix, na Paraíba.

Logo, a instituição que pretender realizar um diagnóstico participativo de ação tipo técnica agrícola, deverá definir as ações em função dos meios técnicos e econômicos necessários e disponíveis, em função do saber próprio dos usuários e do contexto social (Thiollent, 1986:44). Para se conhecer sua realidade e intervir no seu meio, provocando mudanças, é necessário contar-se com um planejamento bem elaborado. Uma das finalidades da pesquisa é a transformação estrutural na busca da melhoria da qualidade de vida dos envolvidos.

Assim, a partir de ações desenvolvidas em estudos de casos em três estados do Nordeste brasileiro: Bahia, Pernambuco e Paraíba, pela **Embrapa Mandioca e Fruticultura** e empresas Estaduais de Extensão Rural: **EBDA (Empresa Baiana de Desenvolvimento Agrícola)**, **EMATER's da Paraíba e Pernambuco**, elaborou-se o presente trabalho visando uma compreensão de como se deve realizar/organizar um diagnóstico participativo em pesquisa-ação. Considerou-se necessário, no primeiro

capítulo, dar um tratamento sobre alguns conceitos-chave de autores que vêm dando contribuições para o estudo da agricultura familiar e da pesquisa-ação. O segundo capítulo trata do ritual necessário à realização do planejamento em pesquisa-ação para se iniciar o diagnóstico. No terceiro capítulo trabalha-se a operacionalização do diagnóstico participativo em pesquisa-ação.

Evidentemente que não se pretende, no escopo deste trabalho, esgotar o assunto mas, fundamentalmente, fomentar a discussão e reflexão sobre esses aspectos da pesquisa-ação.

1. ASPECTOS BÁSICOS DA PESQUISA-AÇÃO

Inicialmente, é necessário definir alguns conceitos que compõem o tema, a fim de facilitar sua compreensão. Neste sentido pretende-se apenas abrir espaço para o tratamento que vem sendo dado por alguns autores, que se dedicam ao estudo de métodos alternativos no âmbito da agricultura familiar. Assim, foram selecionados alguns conceitos como: pesquisa-ação, metodologia, métodos, diagnósticos participativos, comunidade, agricultor familiar sobre os quais se dará um tratamento mais detalhado.

O tema **pesquisa-ação** foi estudado por Thiollent (1986:15) como um tipo de pesquisa social com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo. Toda pesquisa-ação possui um caráter participativo, pelo fato de promover uma interação direta entre os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema.

Afirmou ainda Thiollent (1997:21) que toda pesquisa-ação é uma pesquisa participativa, mas nem toda pesquisa participativa é uma pesquisa-ação. Isto porque pesquisa participativa, em alguns casos, é um tipo de pesquisa baseado numa metodologia de observação participativa na qual os pesquisadores estabelecem relações comunicativas com pessoas ou grupos da situação investigada com o intuito de serem melhor aceitos. Nesse caso, a participação, sobretudo participação dos pesquisadores, consiste em aparente identificação com os valores e os comportamentos que são necessários para a sua aceitação pelo grupo considerado. Para certos partidários da pesquisa participante o resultado da pesquisa fica na consciência dos participantes, não havendo, então, como no caso da pesquisa-ação, a

necessidade de objetivação e divulgação da informação ou do conhecimento.

Continuando, Thiollent (1986:23-24) afirmou que, do

"ponto de vista científico, a pesquisa-ação é uma proposta metodológica e técnica que oferece subsídios para organizar a pesquisa social aplicada sem os excessos da postura convencional ao nível da observação, processamento de dados, experimentação etc. Com ela se introduz uma maior flexibilidade na concepção e na aplicação dos meios de investigação concreta"

Para Brandão (1985:27),

"a finalidade da pesquisa-ação é de favorecer a aquisição de um conhecimento e de uma consciência crítica do processo de transformação pelo grupo que está vivendo esse processo, para que ele possa assumir, de forma cada vez mais lúcida e autônoma, seu papel de protagonista e ator social".

Desse modo, a **pesquisa-ação** representa uma mobilidade concreta de proposta metodológica pertinente às ciências sociais, desde quando, segundo Thiollent (1986:25) a metodologia

"é entendida como disciplina que se relaciona com a epistemologia ou a filosofia da ciência. Seu objetivo consiste em analisar as características dos vários métodos disponíveis, avaliar suas capacidades, potencialidades, limitações ou distorções e criticar os pressupostos ou as implicações de sua utilização. Ao nível mais aplicado, a metodologia lida com a avaliação de técnicas de pesquisa e com a geração ou a experimentação de novos métodos que remetem aos modos efetivos de captar e processar informações e resolver diversas categorias de problemas teóricos e práticos da investigação."

Essa disciplina também foi definida por Demo (1995:11) como **"o estudo dos caminhos, dos instrumentos usados para se fazer ciência. É um instrumental a serviço da ciência. Ao mesmo tempo visa conhecer caminhos do processo científico, também problematiza criticamente, no sentido de indagar limites da ciência, seja com referência à capacidade de conhecer, seja com referência à capacidade de intervir na realidade"**.

Brandão (1985:25) argumentou que a metodologia da pesquisa-ação proposta por J. B. Pinto encontra, na experiência inicial de P. Freire,

“os elementos de um marco teórico-metodológico a partir do qual constrói diversas técnicas que vêm sendo aplicadas com maior ou menor êxito em microprocessos de planejamento inseridos geralmente em programas de desenvolvimento rural”.

Gajardo (1986:16), referendando Freire, argumentou que o pesquisador, baseando-se no seu enfoque educativo, **“tenta uma proposta metodológica que permite situar a produção e comunicação de conhecimentos com momentos do mesmo processo”.**

Considera-se necessário definir o significado do tema **método** na compreensão de Lakatos (1991:29), citando Calderon, objetivando com isso comparar com o tema **metodologia**.

“é um conjunto de regras úteis para a investigação, é um procedimento cuidadosamente elaborado, visando provocar respostas na natureza e na sociedade, e, paulatinamente, descobrir sua lógica e leis. Cada ciência possui um conjunto de métodos”

Simplificando, resumiu Lakatos (1991:30) citando Schopenhauer,

“dessa forma, a tarefa não é contemplar o que ninguém contemplou, mas meditar, como ninguém ainda meditou, sobre o que todo mundo tem diante dos olhos”.

Já o tema **diagnóstico participativo** vem ocupando um espaço bastante significativo nos planejamentos, programas de intervenção nas sociedades urbanas e rurais, e dando grandes contribuições às ciências sociais. Segundo Le Boterf e Brand, citado por Brandão (1985:43), **“é um conhecimento da realidade onde se deseja intervir durante todo o processo da pesquisa”.**

Para Demo (1995:237), denomina-se **“diagnóstico participativo”** como **“autodiagnóstico”**, e

“é entendido como confluência entre conhecimento científico e saber popular, precisamente na acepção teórico-prática do diagnóstico realizado no fundo pelo próprio interessado; o conhecimento científico é fundamental, mas instrumental e somente se torna útil à comunidade se for digerido por ela como autodiagnóstico; idéias podem vir de fora, desde que se tornem

de dentro, usam-se técnicas formais de levantamento empírico que nada têm a ver com empirismo; levantamento científico bem feito só ajuda, embora nunca esgote a realidade e o problema"

Pietro (1991:14-16) considerou que, no diagnóstico participativo, **"é a própria pessoa que seleciona o problema, reconhece sua própria situação, organiza-se para obter os dados e tira conclusões: exerce a todo momento seu poder de decisão, está a par do que fazem os demais, oferece seus préstimos e sua experiência para levar adiante um trabalho comum. (...) Constitui um bom caminho para acabar com a falta de comunicação entre os membros de uma comunidade, com a falta de comunicação de experiências, de conhecimentos"**

A **comunidade rural** é o marco referencial e a estrutura onde se desenvolverão todas as atividades da pesquisa-ação. Toda comunidade rural possui um limite geográfico bem definido pelos agricultores e demais moradores que residem na localidade. Para Lakatos (1991:46) citando Durkheim, as comunidades rurais são caracterizadas pela solidariedade mecânica, que se origina das semelhanças entre os membros individuais para a manutenção dessa igualdade, necessária à sobrevivência do grupo. Deve a coerção social, baseada na consciência coletiva, ser severa e repressiva. Essas sociedades não podem tolerar as disparidades, a originalidade, o particularismo, tanto nos indivíduos como nos grupos, pois isso significaria um processo de desintegração. Todavia, o progresso da divisão do trabalho faz com que a sociedade, baseada na solidariedade mecânica se transforme, dando origem a uma nova organização social.

Para Brandão (1985:55), citando Boterf

"é necessário no trabalho com uma comunidade identificar o público alvo, objeto de estudo. Nesse sentido o próprio termo 'comunidade', faz referência a um conjunto relativamente homogêneo de indivíduos. Ele oculta o próprio fato da diferenciação social interna, as posições dos grupos e até mesmo as relações conflituosas existentes entre estes últimos (...) É necessário, portanto, identificar os segmentos ou as frações de classe que constituem a comunidade".

Para Fernandes (1973:172)

“O importante no trabalho com a comunidade é o pesquisador encontrar uma que possa pelo menos obter uma amostra da sociedade e da cultura das pessoas que apresentam o comportamento ou o problema social e psicológico em que está interessado. (...) O estudo na comunidade deve ser baseado numa sólida teoria preliminar da comunidade”

Na comunidade, local onde se processará o estudo metodológico da pesquisa-ação, identificam-se várias categorias de profissionais como o pedreiro carpinteiro, mecânico, dono de bodegas, o agricultor familiar, empregados assalariados temporários, permanentes e outros. A metodologia da pesquisa-ação, neste trabalho, prioriza a categoria de **agricultores familiares** como público-alvo, por ser esta bastante representativa na sociedade brasileira e com grande aptidão para incorporar o progresso técnico.

Com a modernização da agricultura brasileira, pensava-se que os agricultores familiares seriam excluídos do meio rural, no entanto, mantiveram-se através de estratégias de sobrevivência, recriando-se com o modelo de política agrícola vigente

Os agricultores familiares integrados e semi-integrados, a exemplo dos avicultores de Santa Catarina - a despeito de sua subordinação ao capital industrial - conseguem negociar condições econômicas favoráveis à sua permanência no sistema porque estão bem organizados como categoria política e social. Já o agricultor familiar do Nordeste brasileiro, embora desorganizado econômica e politicamente, continua sendo o responsável pela alimentação básica do interior e da capital (Cerqueira 1993:44-60).

A agricultura familiar é uma forma de organização social, tem sua composição fundamentada na família nuclear, constituída do pai, mãe e filhos, que tem servido como um referencial para os trabalhos de estudo da metodologia de pesquisa-ação no meio rural. Segundo Lamarche (1993:15-19), a exploração familiar é concebida de forma que a família e o trabalho estejam intimamente ligados à unidade produtiva. A exploração familiar se organiza em torno de um eixo definido pelo grau de integração na economia de mercado. Lamarche (1993) acreditou que esta integração se dá em seu sentido absoluto, ou seja, tanto no plano técnico-econômico quanto no plano sociocultural. Com efeito, é evidente que a um determinado grau de

integração ao mercado corresponda uma determinada relação com a sociedade de consumo, um determinado modo de vida e de representação.

Para Schaun (1997:36-37), a escolha dos agricultores familiares para os trabalhos com pesquisa-ação deve-se, em princípio, ao fato de tratar-se de uma categoria social e economicamente viável em qualquer modelo de economia: são criativos; têm ansiedade pelo conhecimento de novas idéias; são extremamente trabalhadores; têm boa capacidade de organização e, acima de tudo, ainda preservam sentimentos de solidariedade que constitui a argamassa na construção da consciência coletiva.

Ainda segundo Abramovay (1991:21-22) a agricultura familiar constituiu-se na base sobre a qual se assenta a economia agrícola dos países capitalistas que atualmente são considerados desenvolvidos:

“a agricultura familiar é um fenômeno tão generalizado nos países capitalistas avançados que não pode ser explicada pela herança histórica camponesa”.

Continuando, ele afirmou que a agricultura familiar quando se integra ao mercado, é capaz de incorporar os principais avanços técnicos e de responder às políticas governamentais.

Gajardo (1986:13), estudando a pesquisa participativa na América Latina, considerou que os agricultores familiares ao apresentarem

“contradições inerentes a um estilo de desenvolvimento integracionista e modernizador deixaram claro que a situação de pobreza e marginalidade vivida por alguns grupos não foram em consequência de atrasos ou vazios mas produto direto de um modelo de desenvolvimento capitalista e dependente”.

2. PLANEJAMENTO DO PROJETO DE PESQUISA

É necessário que se saiba porque e para quem uma instituição governamental ou não-governamental está interessada em realizar a pesquisa. É preciso que o problema e os objetivos do programa estejam bem definidos, a fim de que todos os participantes percebam, com clareza, onde se quer chegar. Se uma instituição governamental que lida com agricultura possui um programa de pesquisa-ação para testar

a viabilidade de produtos específicos em propriedades rurais de agricultores familiares, pressupõe-se que está se tratando de uma proposta efficientizante da área organizacional e tecnológica, logo:

a) é de supor que a instituição que irá trabalhar com a metodologia da pesquisa-ação na área organizacional e tecnológico, possui ou conhece onde existe um conjunto de tecnologias apropriadas para a categoria de agricultores. No caso da instituição trabalhar com determinados produtos específicos, logicamente ela pretenderá testar a viabilidade e confiabilidade de um ou mais produtos existentes nos seus programas que sejam de interesse dos agricultores.

Logo, uma instituição de pesquisa tecnológica para intervir em comunidades de agricultores familiares, é necessário que se faça inicialmente um diagnóstico preliminar para identificar os possíveis problemas, suas prioridades. Confirmada a necessidade e o interesse dos agricultores, é preciso que a instituição pesquisadora esclareça para os mesmos sobre seus objetivos, antes de qualquer decisão de intervir com a metodologia da pesquisa-ação;

b) No caso de projeto de pesquisa que envolve técnicos de outras instituições governamentais, é necessário estabelecer-se um contato prévio com suas respectivas Diretorias no sentido de sensibilizá-las e de contar com a sua atitude de legitimação do projeto. Os objetivos, nesse contato, devem ser explicados com clareza, e se possível indicar um técnico capaz de, comprometidamente com o projeto, promover a articulação entre as instituições e possa servir de elo de comunicação entre os demais técnicos da região onde será implantado o projeto;

c) a identificação de recursos humanos disponíveis na instituição parceira que deseje trabalhar com a metodologia da pesquisa-ação é uma questão a ser cuidadosamente analisada. Para que o estudo da metodologia da pesquisa-ação obtenha êxito numa comunidade rural, é necessário que se possua uma equipe de pesquisadores e extensionistas comprometidos com o trabalho, capaz de assimilar com clareza todo o ritual operacional da metodologia e, também, participar ativamente de todos os momentos, fases e passos que serão realizados na execução das tarefas e conforme as peculiaridades de cada temática a ser trabalhada.

Conforme observou Pinto (1989:06), quando se trabalha com órgãos governamentais, ocorre com freqüência as pessoas serem designadas para trabalhar com a população sem serem indagadas sobre sua motivação em participar dessa atividade. Em conseqüência, carecem do interesse e do compromisso que é mister possuir para executar as tarefas que o método requer. Por outro lado, tem-se verificado, nos últimos tempos, no Nordeste, que técnicos da Extensão Rural comprometidos com o trabalho afastaram-se do emprego em virtude de programas de demissões voluntárias, foram transferidos para outras regiões por divergências com o poder local ou por necessidade própria, conseqüentemente prejudicando o desenvolvimento da ação na área;

Os membros da instituição que irão executar o programa, ao se preocuparem com o ritual preparatório, estarão assegurando o sucesso do empreendimento. Detalhes que parecem insignificantes podem trazer transtornos futuros na operacionalização dos trabalhos, portanto, o planejamento deve ser cuidadoso. A seguir, pontuar-se-ão detalhes significativos:

2.1 Seleção de região, município e comunidades

É importante na seleção da região, município e/ou comunidade objeto do estudo a ser desenvolvido, que haja uma sistemática pesquisa através de monografias, dissertações, dados secundários, a exemplo de estratificação social, estrutura agrária, principais produtos agrícolas, educação, mapas, distância, acesso.

A equipe de pesquisa deve procurar conhecer sobre a existência de técnicos de outras instituições e seu envolvimento na área para saber sobre determinados peculiaridades da região, município ou comunidade. Nos projetos em que a *Embrapa Mandioca e Fruticultura* realizou pesquisas sociológicas com a metodologia da pesquisa-ação, levou-se em consideração a opinião dos técnicos da Extensão Rural que trabalham na área objeto de estudo. Esses técnicos já prestam serviços e/ou conhecem a região e são consultados sobre a possibilidade do local onde se pode implantar o projeto.

Alguns trabalhos já realizados pela equipe de pesquisa-ação da *Embrapa Mandioca e Fruticultura* em comunidades rurais na Paraíba, Bahia e Pernambuco permitem indicar alguns critérios utilizados para a escolha de uma comunidade numa determinada região que:

- a) o público seja constituído na sua maioria de agricultores familiares;
- b) o objeto de estudo seja representativo para a vida da comunidade, tecnicamente possível, economicamente viável e socialmente desejável;
- c) seus mecanismos de comunicação com as demais comunidades e com a zona urbana mais próxima sejam fáceis;
- d) os agricultores demonstrem interesse em apropriar-se do conhecimento gerado sobre o objeto do estudo;
- e) é necessário se criar um pequeno grupo de interlocutores entre os agricultores, objetivando facilitar os mecanismos de informação e de mobilização com o grupo de pesquisa.

2.1.1 Situações indesejáveis na seleção de comunidades

Determinados critérios de seleção de comunidade e outras situações que parecem insignificantes têm levado alguns projetos ou programas a não obterem os resultados desejados. A observação de alguns programas de pesquisa participativa tem possibilitado verificar as seguintes posições indesejáveis na escolha de uma comunidade:

a) comunidades rurais localizadas em áreas de plantios de monoculturas, a exemplo de essências florestais como o eucalipto ou a cana-de-açúcar, normalmente não oferecem expressividade como pólo gerador de tecnologias; essas comunidades caracterizam-se mais como um celeiro de mão-de-obra para os grandes estabelecimentos;

b) uma comunidade rural onde o tamanho da terra seja insuficiente para que os agricultores vivam adequadamente, tendo que vender sua força de trabalho para complementar sua renda familiar; ou que seus moradores arrendam terras de grandes proprietários para plantar. Embora não seja um público descartável para o trabalho, uma vez que esse agricultor pode ascender na escala espacial³, e produtiva,

(3) “É claro que a utilização da palavra espaço é analógica: não se trata de um espaço físico e sim de uma possibilidade de ação prática. A noção de espaço carrega consigo também a idéia de limite prático, junto à de possibilidade. Não se trata de um espaço infinito, mas limitado, às vezes mais amplo, freqüentemente estreito. Por isso é importante caracterizá-lo como espaço de prática ou espaço prático, impossibilitando tal caracterização em incluir nele a ação transformadora, quer dizer: é a prática que vai definir o espaço, suas possibilidades, abertura e limite” (Pinto e Arrazola 1989:2-3)

melhorar sua qualidade de vida, no entanto para os fins a que se destina a pesquisa-ação, tem-se observado que a apropriação de tecnologias é mais difícil de ser viabilizada, pelas próprias dificuldades de tempo e recursos;

c) uma comunidade acostumada a receber favores clientelistas, paternalistas, filantrópicos está mal habituada. Tem-se verificado que alguns programas, ao dispor de dinheiro para determinadas tarefas que dependam de trabalhos da comunidade, passam a ter problemas com os agricultores, porque não existe uma consciência dos resultados a que se propõe o programa. Assim, têm-se verificado conflitos entre grupos da comunidade, no sentido de poder usufruir do capital empregado em serviços;

d) as influências de grandes agricultores na comunidade que vêm seus interesses serem ameaçados pelo grau de consciência ou de organização que esses agricultores adquirem. Esses grandes agricultores possuem um grau de influência na comunidade "desorganizada", seja porque são intermediários, arrendam terras, praticam agiotagem ou mesmo tem influências no meio político. Para Pinto (1989:09) **"tais figuras de poder não atuam através de grupos, mas exercem sua influência de forma individual sobre outras pessoas"**. A interferência desses grandes agricultores tem inviabilizado propostas de trabalho com agricultores familiares.

3. A OPERACIONALIZAÇÃO DO DIAGNÓSTICO EM PESQUISA-AÇÃO

Selecionada a área de trabalho, o passo seguinte é realizar o diagnóstico com a comunidade. Para tanto, é necessário que a equipe esteja bem preparada e sabendo com clareza os objetivos do projeto com a pesquisa-ação. Pinto (1989:05) considerou que **"todo rigor na preparação da equipe é pouco"**. Não se deve iniciar os trabalhos com a população se não se dispuser do conhecimento das bases epistemológicas do método, ou se não houver conhecimento no manejo de conceitos teóricos, categorias e habilidades requeridas na análise da sociedade concreta na qual a equipe realiza sua prática.

Do mecanismo de capacitação dos técnicos em pesquisa-ação, implantada pela equipe da *Embrapa Mandioca e Fruticultura*, constam freqüentes contatos com comunidades rurais, contando-se com a participação de um especialista ou conhecedor da metodologia. Trata-

se do método do aprender a fazer, fazendo. Nesses momentos é indispensável e necessário que se faça o registro de todas as observações, manifestações, relatos ou depoimentos dos agricultores, (Anexo 01) para, em seguida, realizar-se uma discussão para estabelecimento e consolidação de conceitos; é necessário que ocorra crítica permanente de atitudes ou comportamentos que podem ter um impacto negativo na ação com os grupos em todos os eventos realizados.

3.1 Passos do diagnóstico em pesquisa-ação

A pesquisa-ação colocou duplo desafio ao pesquisador, ou seja, pesquisar e participar. Segundo as experiências realizadas por Demo (1995:240), o técnico que ficar responsável pela área de trabalho deverá ter a consciência de que a situação exige:

- a) realização perceptível do fenômeno participativo. Sem organização comunitária a rigor, não sai o autodiagnóstico;
- b) produção de conhecimento, também a partir da prática, evitando-se o simples ativismo;
- c) equilíbrio entre forma e conteúdo. Não há porque desprezar levantamentos empíricos, construções científicas lógicas, como não há sentido em submeter a prática ao método, tornando este fim de si mesmo;
- d) comprometimento do pesquisador com a comunidade para não desaparecer da cena na primeira batalha;

Neste sentido, foi que se delineou a partir das experiências vivificadas, um conjunto de passos a serem dados durante as fases do diagnóstico:

Primeiro - os técnicos locais que participarão do grupo de trabalho, devem fazer uma reunião preliminar com a comunidade a fim de expor os objetivos do trabalho. Essa exposição deve ser de forma clara e concisa, marcando uma próxima reunião com a equipe de pesquisa.

Segundo - realização da "reunião de identificação" com a comunidade. Busca-se, através desse evento, que agricultores, extensionistas e pesquisadores se identifiquem, verdadeiramente, como trabalhadores diferentes, cada um desempenhando um papel bem definido mas todos fazendo parte do mesmo processo e perseguindo um objetivo comum. Este é um dos mais importantes eventos de todo o processo.

Terceiro - durante a reunião, busca-se provisoriamente obter, preliminarmente, informações detalhadas, acerca da estrutura social da população, o ponto de vista dos habitantes das áreas geográficas e estruturas sociais em estudo, os principais eventos de sua história; informações utilizando indicadores sócio-econômicos e tecnológicos (Anexo 02).

Quarto - a identificação do problema ou tema a diagnosticar é sempre vivido pela população. Identificar o problema significa, então, uma primeira aproximação do que pode conduzir à realização de um autodiagnóstico, a partir do real interesse da população.

O passo seguinte é definir os problemas que os agricultores consideram importantes para estudar e solucionar; conhecer a realidade da população, diante dos resultados do diagnóstico, é fundamental a fim de orientar as fases seguintes do processo de pesquisa. Insiste-se: é a população que determina quais problemas ela deseja estudar e tratar (Anexo 03).

Quinto - trata-se de conhecer como os agricultores explicam ou entendem o problema, de que forma ele é situado dentro de sua situação social; quais as causas e as conseqüências (Anexo 03), próximas ou distantes, que aparecem como determinantes do problema e como eles têm procurado solucioná-los (anexo 04).

Sexto - hierarquização de problemas ou temas. Quando uma organização é mais complexa e já adquiriu um certo grau de consolidação, é possível abordar mais de um problema ou tema. Para Demo (1995:238) um dos passos importantes para o programa de pesquisa-ação quando se identifica os problemas é definir as prioridades. Trata-se de realizar uma seleção conjuntural do que se imagina de mais imediatamente necessário, ou mais factível no momento. Não se confunda o mais imediato com o mais importante. Todas as necessidades comunitárias são importantes e não há como vê-las aos pedaços. Mas, se os recursos e as forças forem limitados, é estratégico garantir o possível e assim garantir o avanço nas soluções. Isto significa, a rigor, planejar: tentar direcionar as ações da comunidade, dentro das condições objetivas de que se dispõe e fazer acontecer.

Sétimo - quando se tratar de um problema de ordem técnica, ainda durante a reunião, é necessário se abordar sobre a escolha de uma área de trabalho, que terá a função de uma unidade didática. Isso quer

dizer que tudo o que houver de discussão sobre as tecnologias deve acontecer nessa área. Prioriza-se, nesse caso, que a área seja coletiva. Pretende-se, assim, evitar o que tem ocorrido com relativa freqüência em testes de tecnologias em propriedades particulares, onde se têm constatado problemas de relacionamento entre os membros do grupo e o proprietário. A área de terra pode ser adquirida pela associação, se for o caso, ou arrendada pela comunidade.

Oitavo - o mapa da comunidade desenhado pelos agricultores tem sido de uma importância ímpar para o conhecimento da localidade. Parece ser uma tarefa difícil, no entanto, sempre aparece um agricultor que é capaz de elaborar um croquis com todos os detalhes da comunidade. Há casos de se surpreender, quando todos os agricultores individualmente desenharam suas propriedades.

Nono - O reconhecimento sensorial da comunidade por parte da equipe é importante para se iniciar as atividades. Para esse trabalho, explicamos Pinto que é necessário o técnico familiarizar-se com a paisagem física, econômica e humana da localidade onde residem os agricultores. Nesse primeiro momento, o registro é fundamental; deve-se anotar as observações de forma detalhada, assim como, se possível, fotografar, filmar, gravar, elaborar um croquis.

Décimo - é preciso fazer um primeiro balanço a respeito da quantidade disponível e recuperável de informações mediante a ação da própria comunidade. Um diagnóstico é orientado, portanto, aos fins que se persegue. Ainda que se mantenha em evidência a importância do processo, da troca de experiências e de conhecimentos, é preciso reconhecer que este mesmo processo está condicionado ao alcance que se quer dar às ações, em todos os casos. Logo, pressupõe-se que, quando ocorrer a identificação dos problemas e as prioridades junto aos agricultores, o grupo de pesquisa procure saber onde se dispõe dos aparatos para solucioná-los. A informação que se necessita está relacionada diretamente aos propósitos e objetivos finais, através dos quais o diagnóstico terá um sentido lógico e prático.

3.2 Um diagnóstico participativo deve ser processual

Para Lakatos (1991:81) pode-se dizer que o contato é a fase inicial da motivação e que as modificações resultantes são denominadas de interação. Dessa forma, entende-se por interação a reciprocidade

de ações sociais. O diagnóstico de uma comunidade rural parece ser uma tarefa fácil, no entanto exige-se um esforço muito grande do pesquisador no sentido de conhecer com profundidade a localidade objeto de estudo. Assim, constituída a problemática, é necessário que o técnico local passe a conviver com o fenômeno, no sentido de buscar familiaridade, ultrapassando o limiar do visitante; é preciso vivenciar o fenômeno, passando da familiaridade à intimidade, tornando-se já parte aceita dele; finalmente é assumir como próprio o projeto político da comunidade.

Além dos dados referentes ao diagnóstico, conforme descrito acima, é necessário que os pesquisadores e técnicos mantenham intensa acuidade sobre outras questões objetivas e subjetivas que ocorrem durante o processo da pesquisa. A avaliação qualitativa exige também disciplina de campo, coleta cuidadosa de material, sistematização do conhecimento, elaboração racional e inteligente.

Portanto, é preciso observar, dialogar e registrar, no âmbito da comunidade, as relações capitalistas (atrasadas ou não, existentes nas organizações de trabalho e produção, as estratégias adotadas pelos agricultores), problemas específicos da desigualdade, como a questão da mulher, do bóia-fria, do trabalhador sem terra ou com pouca terra; verificar seus valores culturais e como as normas de comportamento diferem ou não do meio urbano; analisar a existência ou não do sentimento de solidariedade, cooperação, competição, conflito e se essas formas de consciência são evidentes nas suas relações sócioeconômicas; identificar como se dão as relações de amizade, parentesco e compadrio; as relações religiosas e de poder local; estudar a integração sociocultural entre indivíduos e grupos a respeito da adaptação, acomodação e assimilação; qualidade de vida, que é sobretudo participação; a formação do cidadão. Esses e outros aspectos precisam ser compreendidos durante o processo de convivência com a comunidade, sem o que quaisquer formas de intervenção estarão profundamente comprometidas.

CONCLUSÃO

O planejamento e o diagnóstico participativo em comunidades rurais da maneira como foi apresentado, dificilmente será realizado por uma organização autoritária. Sua finalidade é exatamente a promoção

de uma atitude democrática, de uma relação igualitária entre os membros de uma comunidade e dela com outras estruturas sociais afins ou não.

Considera-se que à medida que se consolida uma organização dos agricultores em uma comunidade é possível realizar ações de maneira mais sistemática. Por outro lado, quando se ordena melhor essas ações, sem enquadrá-las vertical e autoritariamente, é possível deixar espaço para expandir a criatividade e dar margem à espontaneidade. O problema está em cair, como muitos o fazem, em um espontaneísmo destinado a levar adiante ações que, em geral, não levam a lugar nenhum.

A metodologia difusionista, adaptada para o modelo de modernização da agricultura brasileira, encontrou grandes facilidades para se implantar, principalmente no âmbito dos médios e grandes agricultores. No Nordeste, criaram-se sérios problemas para as demais categorias que não obtiveram recursos disponíveis para modernizar seus estabelecimentos. A consequência foi uma concentração de propriedades e renda nas mãos dos médios e grandes agricultores e a expulsão de muitos agricultores familiares que não puderam acompanhar o modelo.

Abre-se uma nova alternativa a partir das metodologias participativas não-convencionais como ferramentas de trabalho em instituições governamentais e não governamentais que se dispõem a testar, compreender, estudar os mecanismos de funcionamento. A perspectiva da metodologia da pesquisa-ação é a participação democrática de todos os envolvidos em detectar e resolver problemas. Pode-se, através do diagnóstico participativo, planejar ações que provocam mudanças sociais no campo, principalmente no sentido de melhorar a qualidade de vida dos agricultores e de sua formação como cidadãos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABRAMOVAY, R. Paradigmas do capitalismo agrário em questão. São Paulo: Hucitec, 1991, 275p.**
- BRANDÃO, C. R., (org.) Pesquisa participante, 5ª ed., São Paulo: Brasiliense, 1985, 211p.**
- BRANDÃO, C. R. Repensando a pesquisa participante. São Paulo: Brasiliense, 1985, 252p.**

- CERQUEIRA, J.H.A. **De lavradores de fumo a produtores de laranja: estratégias de sobrevivência e diferenciação social dos agricultores familiares em Cruz das Almas - Bahia.**, Campina Grande, PB, U.F.PB, 1993. Dissertação de Mestrado, 230p.
- DEMO, P. **Metodologia científica em ciências sociais.** 3ª ed., São Paulo: Atlas, 1995, 255p.
- DEMO, P. **Pesquisa participante.** Rio de Janeiro: SENAC, 1984, 112p.
- FERNANDES, F. **Comunidades e 80 cidades.** São Paulo: Nacional/USP, 1973, 587p.
- GAJARDO, M. **Pesquisa participante na América Latina.** São Paulo: Brasiliense, 1986, 94p.
- LAMARCHE, H., coord. **A agricultura familiar.** São Paulo: UNICAMP, 1993, 336p.
- LAKATOS, E.M. **Sociologia geral,** 6ª ed., São Paulo: ATLAS, 1991, 382p.
- PIETRO, D.C. **O autodiagnóstico comunitário.** Quito – Equador: Editorial Belém, 1991, 51p.
- PINTO, J.B. **Pesquisa-ação: detalhamento de sua seqüência metodológica.** Recife: SUDENE / PNUD, 1989, 71p.
- PINTO, J.B.: ARRAZOLA, L. D. **Formação social brasileira.** Recife: SUDENE/PAPP/PNUD, 1989, 85p.
- SCHAUN N. M. **Contribuição da agricultura familiar na produção de alimentos no Brasil.** In: RENAFAE, 5., Goiânia, 1997. Goiânia: *Embrapa Arroz e Feijão*, 1997, 520p.
- THIOLLENT, M. **Pesquisa-ação nas organizações.** São Paulo: ATLAS, 1997, 135p.
- THIOLLENT, M. **Metodologia da pesquisa-ação.** São Paulo: Cortez, 1986, 108p.

A N E X O S

ANEXO - 01**DADOS QUALITATIVOS**

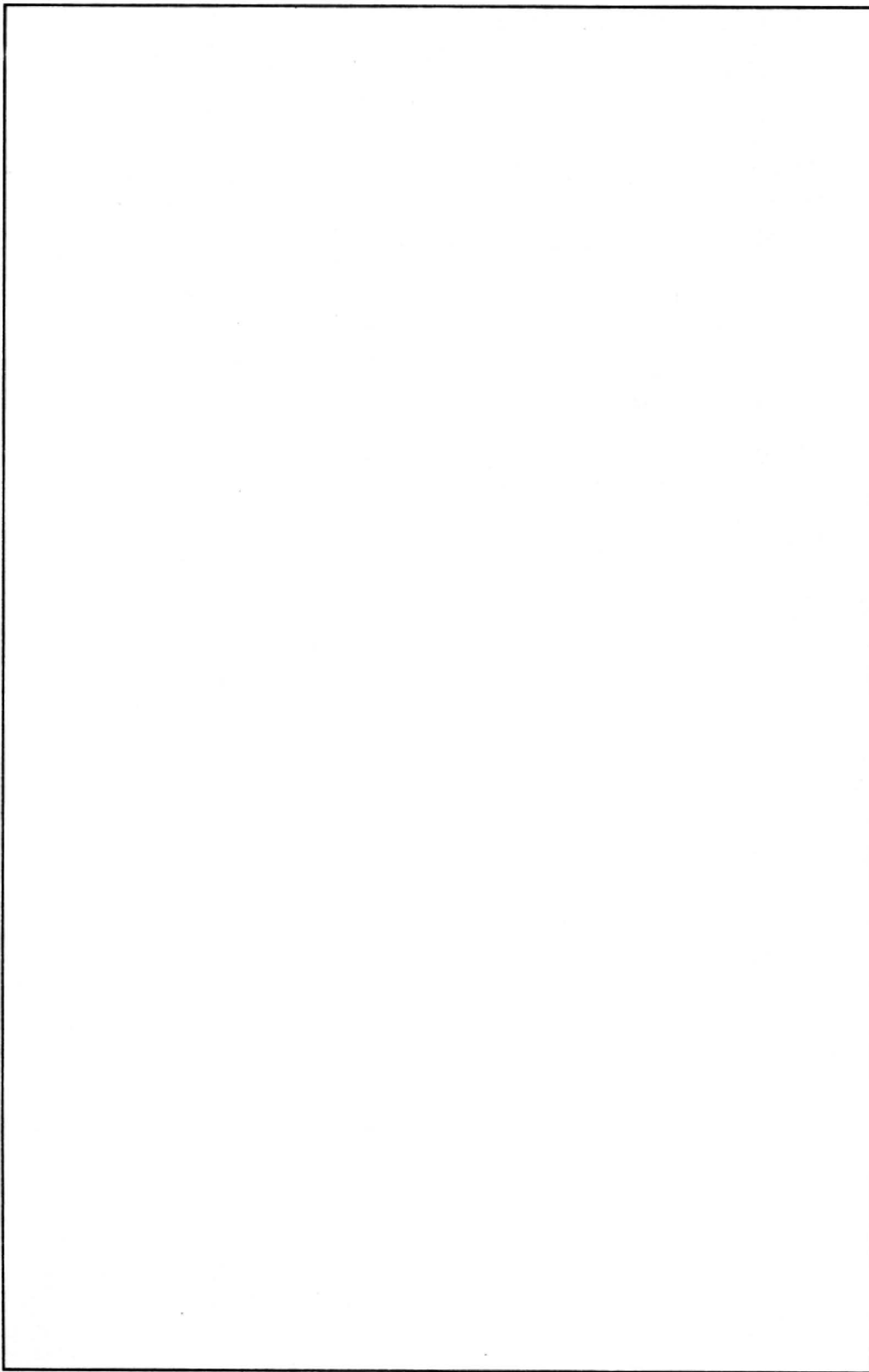
ASPECTOS SÓCIO-CULTURAIS			ASPECTOS ECONÔMICOS			ASPECTOS FÍSICO-AMBIENTAIS			ASPECTOS FISIOLÓGICOS		
M.	R. ou D.	OBS.	M.	R. ou D.	OBS.	M.	R. ou D.	OBS.	M.	R. ou D.	M.

M. = Manifestação

R. ou D. = Relato ou Depoimento

OBS. = Observação

ANTECEDENTES DA COMUNIDADE (HISTÓRICO)



ANEXO - 03

PROBLEMAS, CAUSAS E CONSEQÜÊNCIAS

ORDEM DE IMPORTÂNCIA	CAUSAS	PROBLEMAS	CONSEQÜÊNCIAS

SOLUÇÕES TESTADAS E RESULTADO OBTIDOS PELO AGRICULTORES

ORDEM DE IMPORTÂNCIA	PROBLEMA	SOLUÇÕES TESTADAS	RESULTADOS OBTIDOS



*Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
Embrapa Mandioca e Fruticultura*

Ministério da Agricultura e do Abastecimento
Rua Embrapa, s/n - CP. 007 - Cruz das Almas, BA
PABX (075) 721-2120 - FAX: (075) 721-1118
<http://www.cnpmf.embrapa.br>

